

PENSAR A HISTÓRIA DOS MUSEUS EM UM MUNDO EM TRANSFORMAÇÃO

Autora:
Manuelina Maria Duarte Cândido

Este texto foi organizado para debater duas mesas-redondas que tiveram como inspiração o tema da Semana Nacional de Museus de 2012. Nela fomos instigados a pensar os museus em mundo em transformação. Procuramos refletir, com as discussões previstas e nossos convidados, sobre a razão de se estudar a História dos Museus, enriquecendo o curso de Museologia com o diálogo com pesquisadores e trabalhadores de museus do estado de Goiás, trazendo todos para um ponto comum: pensar o passado dos museus no presente, analisar seu momento atual e suas perspectivas, especialmente no contexto de transformações cada vez mais aceleradas pelas quais passam a sociedade e, conseqüentemente, suas instituições.

Nossos convidados foram Nei Clara de Lima, diretora do Museu Antropológico da UFG, Keith Valéria Tito, supervisora de acervos do Museu da Imagem e do Som de Goiás e Camila Gouveia, bacharel em História pela UFG com pesquisa sobre o Museu Casa da Princesa, em Pilar de Goiás, em uma primeira rodada; e Henrique de Freitas, chefe do Museu Zoroastro Artiaga, Girlene Chagas Bulhões, museóloga do Instituto Brasileiro de Museus e diretora do Museu das Bandeiras, do Museu de Arte Sacra da Boa Morte (ambos na Cidade de Goiás) e do Museu Casa da Princesa (Casa Setecentista) em Pilar de Goiás, e Divino Sobral, gestor do Museu de Arte Contemporânea de Goiás.

Não pretendemos aqui nos deter em uma análise pormenorizada da história dos museus goianos, visto que cada um destes autores produziu texto próprio, mas apontar alguns aspectos de um universo mais amplo nesta história dos museus que ajudam a pensar sobre sua contemporaneidade. De início, algumas questões fundamentais:

1 – devido à amplitude do tema o que traremos é um recorte da história dos museus delineado especialmente por um olhar sobre a trajetória dos museus no Ocidente;

2 – desta trajetória, abordada de maneira bastante sucinta, tentaremos trazer elementos que, pelo que apresentam de ruptura ou de continuidade, nos ajudem a compreender as heranças dos nossos museus contemporâneos e que os levam a ser o que são;

3 – após este necessário panorama, buscaremos uma reflexão sobre a permanência, neste contexto da História dos Museus, de uma profunda relação entre memória e poder.

Uma questão de fundo é a discussão de por que estudar História dos Museus. Para pensar sobre isto cabe voltar à análise estrutural da disciplina museológica conforme apresentada por Sofka (1980 apud Hernández-Hernández, 2006, 103) e esmiuçadas por Bruno (2004), Duarte Cândido (2011) e Moraes Wichers:

“A **Museologia Geral** está voltada ao estudo da Teoria Museológica, da História e da Administração dos Museus. A Teoria Museológica se dedica à análise de experimentações e respectiva sistematização dessas reflexões. Os estudos voltados a História dos Museus buscam ver a inserção dessas instituições

nas suas respectivas sociedades, enfatizando a análise sobre mudanças de forma e conteúdo e identificado a origem e desenvolvimento de novos processos de musealização. A área denominada Administração de Museus dedica-se a experimentações regimentais, inserções jurídicas e relação com órgãos mantenedores.

A **Museologia Especial** trata de relacionar a Museologia Geral com o conteúdo das disciplinas particulares, ou seja, está relacionada às características do fato museal a ser analisado nos estudos acima elencados, as quais estão relacionadas ao Texto e ao Contexto Museológico. O Texto museológico está associado ao tipo de museu ou de processo museológico e o Contexto à sociedade, na qual o museu ou processo museológico está inserido.

A **Museologia Aplicada**, por sua vez, estuda as perspectivas de percepção, apropriação, tratamento e socialização da musealidade inerente à realidade. Os campos da Museologia Aplicada são constituídos pelos procedimentos de Salvaguarda e Comunicação. Enquanto as ações de salvaguarda se incubem dos problemas de conservação e documentação, as questões expositivas e educativas são encaminhadas nas ações de comunicação.” (MORAES WICHES, 2010, p. 40-41)

Embora longa, a citação é fundamental para esclarecer as conexões e diferenças entre Museologia Geral, Museologia Especial e Museologia Aplicada, e tomamos dela especialmente a definição de que a História dos Museus tem enfoque, sobretudo, nas mudanças de forma e conteúdo que originam novos modelos, novos horizontes de musealização. Vamos apresentar sucintamente uma trajetória que é muito mais vasta e complexa do que permite um texto desta natureza. Evidentemente, a intenção não é uma oferta exaustiva de informações, mas realçar neste percurso algumas rupturas e permanências que deixaram suas marcas no que os museus são hoje e no que ainda desejamos que eles possam vir a ser. Tal como o mundo que os cercam, os museus estão em constante transformação.

O hábito de colecionar é uma destas permanências, algo que se insere na mais longa duração entre as atitudes humanas. Na Antigüidade, as primeiras coleções encontravam-se nas tumbas, templos, palácios e algumas residências dos reis, sacerdotes e faraós. Nas pirâmides do Egito havia sistemas de segurança para que não houvesse saques, que sempre intrigaram aqueles que as tentaram invadir, fossem saqueadores contemporâneos ou os posteriores, imbuídos de valores que misturavam ganância, curiosidade científica e desejo de dominação. Em torno disto muitas lendas foram criadas e perduram ainda hoje.

O termo museu originou-se da palavra *Museion*, utilizada pela primeira vez na Grécia (antes do século VI a.C.) para designar os santuários consagrados às Musas e também as escolas filosóficas e de investigação científica presididas pelas Musas, protetoras das Ciências e das Artes. Ao lado dos templos, encontravam-se espaços chamados *Thesaurus*, destinados a abrigar os ex-votos que fiéis traziam em devoção às divindades. Eram lugares de arrecadação onde sacerdotes realizavam a triagem, classificação, controle e segurança dos objetos preciosos. Aí antevemos o germe dos sofisticados sistemas de gerenciamento da informação hoje existentes.

Por volta de 285 a.C., o termo *Museion* passou a designar, em Alexandria, uma instituição onde se reuniam artistas e sábios, um lugar com salas de reunião, observatório, laboratório, jardim zoológico, jardim botânico e, sobretudo, a mais famosa biblioteca da Antiguidade e, por que não, da História da humanidade. É comum assinalarmos aí as primeiras experimentações do que hoje são as universidades ou centros culturais. Também identificamos a marca indelével do risco constantes da perda, do esquecimento, a ameaça dos sinistros que tanto nos preocupam hoje. O tema da segurança nos museus é dos mais candentes e parece que as transformações nestas instituições trarão irreversivelmente à luz novos desafios nesta questão. Ainda hoje é marcante a situação de que alguns museus e acervos apenas ganham notoriedade junto ao público leigo e espaço na imprensa, quando passam por um sinistro e têm perdas irreversíveis.

Os romanos formavam coleções por intermédio de saques, prêmios de guerras ou compras. Também cultivavam noções sobre a melhor acomodação das peças nas residências ou em espaços construídos especialmente para sua exibição pública. Na Idade Média, iniciou-se um processo de “entesouramento” dos bens, normalmente guardados nas igrejas e mosteiros. Se por um lado havia a ameaça dos bárbaros a esses tesouros, por outro, os próprios saques promovidos pelas Cruzadas, por exemplo, enriqueciam a Igreja.

Com o Renascimento, as viagens ao Oriente, Grécia e Egito impulsionaram o surgimento de novas coleções. Objetos exóticos passaram a ser alvo de interesse para coleções tanto quanto aqueles de valor material. Formaram-se “gabinetes de curiosidades” e os “gabinetes das maravilhas”, que são produtos de uma nova maneira de ver o mundo, uma busca de maior racionalização. Aos poucos aconteceria uma ‘enciclopédização dos museus’ que “teria sido não só uma resposta ao sucesso da enciclopédia, mas também um fator de sobrevivência da instituição, cuja almejada completude seria obtida por meio do sacrifício da unidade cosmológica dos “gabinetes de curiosidade”, reorganizados e dissolvidos a partir de critérios especialistas de classificação oferecidos por disciplinas emergentes. Nos gabinetes de curiosidades conviviam lado a lado objetos da natureza e da tecnologia - distinções ainda não utilizadas ou inexistentes.” Loureiro, Furtado e Silva (2007, p. 05).

Ao mesmo tempo, as obras de arte dos mestres do Renascimento foram também adquiridas e colecionadas. Desde o século XVII, coleções inteiras foram motivo de transações comerciais e, inclusive, trasladadas de um país a outro. Aparecem aqui duas novas temáticas que são ao mesmo tempo constantes e polêmicas em relação ao universo dos museus: a inalienabilidade dos acervos, volta e meia posta em cheque (Mairesse, 2009), e a desterritorialização, inexpugnável, ainda que hoje se fale e procure cada vez mais o deslocamento mínimo, inclusive gerando museus de alteridade mínima.

Nas voltando ao século XVII, novas atitudes colecionistas originaram ali os primeiros museus, com base em acervos grandes e ecléticos. O Ashmolean Museum de Oxford (criado em 1683) foi o primeiro museu organizado como instituição pública, aberto ao público, ainda que com restrições, mesmo antes de ser definitivamente legado à Universidade de Oxford. Os museus públicos são filhos do pragmatismo daquele momento, criados como palcos e cenários de atuação do Estado-Nação. Porém, como disse Chagas (Comunicação pessoal, aulas do Curso de Estudos Avançados em Museologia, CEAM – Museu Histórico Nacional, julho de 2009), “nascidos para serem pragmáticos, já nascem dialéticos, porque pretendem celebrar o passado, mas serão sempre interpretados por um olhar do presente.”

É importante relacionar os modelos de museus e as motivações de sua criação às noções de cultura dominantes. Aqui, por exemplo, vislumbramos o conceito

de cultura ligado ao domínio de determinados códigos adquiridos especialmente via educação formal, e os museus como espaços para a reprodução destes códigos e para aquisição de valores ‘cultivados’. Em contraponto, um conceito de cultura ligado a todas as produções humanas e à maneira de pensar e viver de cada sociedade irá valorizar e musealizar uma gama muito mais ampla de referências culturais e sugerir outras relações possíveis com os museus, não somente de espaço para apreender cultura, cultivar-se, mas onde os grupos podem se representar também na primeira pessoa.

Não é este ainda o propósito dos museus no século XVIII, quando o apelo do exótico e do excepcional estavam em maior relevo. Com o início das escavações arqueológicas de Pompéia e Herculano, ocorreu a formação de coleções que seriam a base dos museus de Arqueologia da Europa. Também se formaram as Academias de Belas Artes (Viena, Berlim, Madrid, Londres, Veneza) e foram realizadas exposições de arte que passaram a atrair um grande público. Iniciou-se a especialização dos museus em tipologias como museus de arte e de ciências, embora os museus históricos, a terceira grande categoria, só possa propriamente existir no século XIX.

Mas foi a criação do Museu do Louvre, sem dúvida, o maior marco da história dos museus setecentistas. As coleções de arte adquiridas por várias gerações de monarcas franceses foram confiscadas pela Revolução Francesa, em 1789. Dois anos depois o Louvre foi destinado a funções artísticas e científicas, concentrando-se nele todas as coleções da Coroa, e em 1793, aberto ao público. Esta data é tida como a referência de origem dos museus nacionais da Europa. Tanto o Louvre como o Museu Britânico (1753) e muitos outros museus europeus aumentaram enormemente suas coleções no século XIX por intermédio de saques e transferência de bens de suas colônias em todas as partes do mundo. Este grande incremento das coleções das metrópoles e também a exportação dos modelos de museus nacionais para as colônias que alcançavam independência deu origem à denominação “Era dos Museus”, atribuída por alguns autores ao século XIX.

Os oitocentos foram pródigos em experimentações museográficas, com a realização de algumas das mais importantes exposições universais, como a de 1889 em Paris. Nos Estados Unidos, o mecenato privado incentivou a pesquisa e a divulgação científica, e influenciou a criação da Smithsonian, em Washington (1879), do American Museum of Natural History, em Nova York (1869) e do museu da Universidade de Harvard (1866).

Também no Brasil, o século XIX representou a introdução dos modelos institucionais europeus, a partir da vinda da Corte para o Rio de Janeiro, onde, em 1818, foi criado o Museu Real, atual Museu Nacional da Quinta da Boa Vista. Em outros pontos do Brasil igualmente surgiram os primeiros museus, como o Museu Paraense Emílio Goeldi, em Belém (1866), o Museu Paranaense em Curitiba (1883) e o Museu Paulista (antigo Museu do Ipiranga, em São Paulo, 1895). Um ponto de partida para a formação dos acervos, que então combinavam elementos das ciências humanas e naturais, era a busca de compreensão sobre as origens do homem brasileiro. Como ressalta Ulpiano Bezerra de Meneses (in Ramos e Guimarães, 2010), é nestes museus de História Natural, e não em museus históricos, que a América Latina opta por construir suas identidades nacionais. Se para falar do histórico era preciso partir das origens coloniais, as novas nações recorrem, em um primeiro momento, ao que as diferencia das metrópoles: o biológico.

Seguindo a tendência de especialização dos museus internacionais, as instituições brasileiras passaram por uma revisão de suas funções em virtude das comemorações do primeiro centenário da Independência. Nesse momento histórico teve grande avanço a consolidação das instituições museológicas voltadas para a preservação

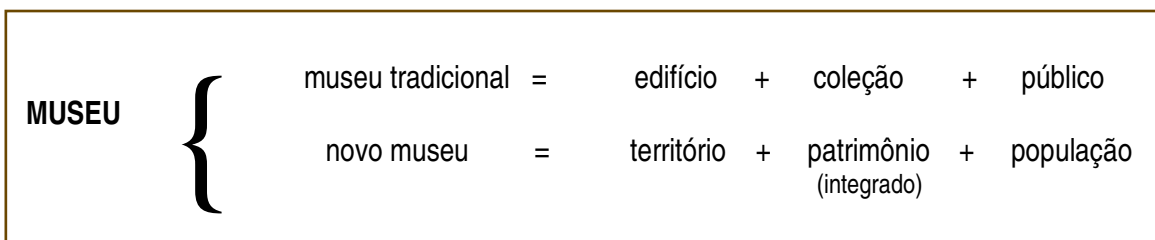
da História da Nação, o que impulsionou o surgimento do Museu Histórico Nacional, no Rio de Janeiro, e a deflagração do processo de transformação do então eclético Museu do Ipiranga no Museu Paulista, especializando-se em História sob a batuta de Affonso Taunay.

Segundo Georges Henri-Rivière (1989, p. 60), o entre-Guerras é um período no qual aparece a percepção de que as atividades do museu são tão importantes quanto a coleção, com um olhar mais atento à necessidade de profissionalização e ação interdisciplinar. Em 1946 foi criado o Conselho Internacional de Museus. No plano internacional, inserido nas transformações sociais, culturais e históricas do século XX, os museus questionaram sua conceituação clássica, experimentando novos processos nos quais as coleções deixaram de ser as únicas fontes de sua ação. Foi um século marcado pela democratização dos museus, com um grande crescimento não somente no que diz respeito ao volume e diversidade de públicos, como no surgimento de diferentes modelos e iniciativas institucionais. Uma instituição que fez muitas experimentações neste sentido foi o Museu do Homem, na França, a partir das iniciativas do próprio Georges-Henri Rivière.

Nos últimos decênios do século XX, profundas alterações revolucionaram a Museologia e seguidas reuniões internacionais produziram documentos onde podemos identificar novas preocupações, que não apenas a preservação material dos objetos. Estes novos interesses, sempre muito atuais, são: o papel social da Museologia, a necessidade de integração do patrimônio ambiental ao cultural, a importância da função sócio-educativa do museu e do estímulo à reflexão e ao pensamento crítico, a afirmação do museu como meio de comunicação. O novo foco passou a ser o museu como espaço de interação social com o patrimônio. A América Latina deu uma contribuição decisiva com a Mesa-Redonda de Santiago do Chile, que foi muito lembrada e rediscutida em 2012 quando completou 40 anos.

Mário Chagas (2002) ao discutir memória e poder na trajetória dos museus associa esta ruptura à chegada de um 2º movimento, aquele que realça o poder da memória, enquanto o primeiro, até então, punha em relevo sempre a memória do poder, de cunho celebrativo.

Esta nova experiência trouxe uma ampliação conceitual e uma mudança de papéis para as instituições museológicas.



A Museologia buscou uma integração de diversos aspectos de nossa herança cultural e natural e experimentou novos processos de musealização que criaram modelos como os ecomuseus, os museus de vizinhança, os museus comunitários, os museus de território, os museus de sociedade, entre outros. Alguns exemplos pioneiros foram o primeiro ecomuseu, em Le Creusot-Montceau-les-Mines (1974); o Museu Nacional da Nigéria, em Niamey, um complexo museológico com museu etnológico ao ar livre criado em 1958; a Casa del Museo, no México, criada como um experimento do Museu Nacional de Antropologia do México após a Mesa Redonda de Santiago do

Chile, e vários museus locais em Portugal como o Museu Etnológico de Monte Redondo e o Ecomuseu do Seixal.

Paralelamente, vimos um movimento de espetacularização da cultura no qual o museu é parte fundamental e sua arquitetura inovadora e impactante (assim como as dos grandes centros culturais) passa a ser marco visual e simbólico para as cidades no final do século XX e início do XXI, sem que isto represente necessariamente, ou até ao contrário, uma transformação do ponto de vista da ação museológica ali realizada. Alguns exemplos exponenciais: a Neue Nationalgalerie (Berlim, 1968, arquiteto Mies Van der Rohe); o Centro Georges-Pompidou (1977, arquitetos Renzo Piano e Richard Rogers) e a Pirâmide do Louvre (1989, arquiteto Ieoh Ming Pei) em Paris; o Museu Guggenheim em Bilbao, Espanha (1998, arquiteto Frank Gehry).

A Museologia hoje consiste na convivência – não sem tensões – entre os museus tradicionais e as novas propostas museais. O que faz com que esta área não se confunda com outros campos do conhecimento é sua especificidade preservacionista e educativa, onde o objetivo é a conscientização do homem sobre seu patrimônio, para que este seja transformado em herança. Sem minimizar os interesses envolvidos neste processo de construção de memórias:

“Tornar-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas. Os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores desses mecanismos de manipulação da memória coletiva” (LE GOFF, 1984, p.13)

Como vimos, os museus têm sua origem mítica nos templos das musas, por sua vez filhas de Zeus e Mnemósine. Chagas, no texto já citado (2002), faz uma análise precisa deste mito de origem, ressaltando serem Zeus, identificado com o poder, e Mnemósine com a memória. Reconhece, com base em Pierre Nora, que os museus são vinculados às musas por herança materna, sendo “lugares de memória”; mas por herança paterna (ou patrimônio) são configurações e dispositivos de poder, portanto, potencialmente, de resistência. A separação indevida desta articulação tão clara e remota levaria por um lado, aos museus como aparelhos ideológicos do Estado ou a uma memória apenas evocativa e celebrativa, memorial:

“Os museus celebrativos da memória do poder - ainda que tenham tido origem, em termos de modelo, nos séculos XVIII e XIX - continuaram sobrevivendo e multiplicaram-se durante todo o século XX. (...) Eles tendem a se constituir em espaços pouco democráticos onde prevalece o argumento de autoridade, onde o que importa é celebrar o poder ou o predomínio de um grupo social, étnico, religioso ou econômico sobre os outros grupos.” (CHAGAS, 2002, p. 08)

Porém, mesmo museus criados com caráter celebrativo têm em si o germe dialético, pois estão em conexão com o presente: “(...) dentro dos próprios museus desenvolvem-se canais de circulação de poder que permitem a produção de programas, projetos e atividades que traem a missão original da instituição.” (CHAGAS, *op cit*, p. 09) É esta potência intrínseca aos museus que faz deles tão importantes nos processos de transformação, de ruptura e nos projetos de futuro.

BIBLIOGRAFIA

- BARBUY, Heloisa. **A exposição universal de 1889 em Paris**: Visão e representação na sociedade industrial. São Paulo: Edições Loyola, 1999. (Série Teses)
- BAZIN, Germain. **Le temps des musées**. Liège: [s.ed.], 1967.
- BENNETT, Tony. **The birth of the museum**: history, theory, politics. Londres, Nova Iorque: Routledge, 1999.
- BRUNO, Maria Cristina O. **Principais campos da ação museológica**. Manuscrito não publicado, CCBB, São Paulo, 2004.
- DUARTE CÂNDIDO, Manuelina Maria. **Gestão de museus e o desafio do método na diversidade**: diagnóstico museológico e planejamento. Lisboa: ULHT, 2011. (Tese de doutoramento)
- CHAGAS, Mário. **Memória e poder**: dois movimentos. Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, 2002. p 35-67. (Cadernos de Sociomuseologia, 19)
- HERNÁNDEZ-HERNÁNDEZ, Francisca. **Planteamientos Teóricos de la Museología**. Gijon: Ediciones Trea, 2006.
- LA MUSEOLOGIE** Selon Georges Henri Riviére. Cours de Muséologie / Textes et témoignages. Bordas, França: Dunod, 1989.
- LE GOFF, Jacques (org.) **Enciclopédia Einaudi. Memória - História**, v.1. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1984.
- LOPES, Maria Margareth. **O Brasil descobre a pesquisa científica**: os museus e as ciências naturais do século XIX. São Paulo: HUCITEC, 1997.
- LOUREIRO, Maria Lucia de Niemeyer Matheus; FURTADO, Janaína Lacerda e SILVA, Sabrina Damasceno. **Dos livros às coisas**: museus, coleções e representação do conhecimento científico. Salvador: VIII ENANCIB – Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação, 2007.
- MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. “O Museu e a questão do conhecimento”. In GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado; RAMOS, Régis Lopes (orgs.). **Futuro do pretérito**: Escrita da História e História do Museu. Fortaleza: Instituto Frei Tito de Alencar / Expressão Gráfica Editora, 2010.
- MAIRESSE, François (ed.). **L’Inalienabilité des collections de musée en question**. Actes du colloque, Musée Royal de Mariemont, 28 avril 2009. Mariemont, Musée Royal de Mariemont, 2009. (Monographies du Musée Royal de Mariemont, 19)
- MONTANER, Josep Maria. **Museus para o Século XXI**. Barcelona: Editorial G. G., 2003.
- MORAES WICHERS, Camila Azevedo de. **Museus e antropofagia do patrimônio arqueológico**: (des) caminhos da prática brasileira. Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, 2010. (Tese de Doutoramento)

Referência da publicação para citação:

DUARTE CÂNDIDO, Manuelina Maria. “Pensar a história dos museus em um mundo em transformação” in **ARTEREVISTA**, v.2, n.2, jun/dez 2013. São Paulo: Faculdade Paulista de Artes (FAPA), p. 101-108 ISSN: 2317-613X

Disponível online em <http://fpa.art.br/fparevista/ojs/index.php/00001/article/view/20>